



Trabalho, Educação e Saúde

ISSN: 1678-1007

ISSN: 1981-7746

Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde  
Joaquim Venâncio

Ferreira, Antonio Rodrigues; Fontenele, Matheus Eduardo Passos;  
Albuquerque, Rosalice Araújo de Sousa; Gomes, Francisco  
Meykel Amâncio; Rodrigues, Maria Eunice Nogueira Galeno  
**A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NO PERCURSO DE TÉCNICO A ENFERMEIRO**  
Trabalho, Educação e Saúde, vol. 16, núm. 3, 2018, pp. 1321-1335  
Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

DOI: 10.1590/1981-7746-sol00152

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406757540025>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

## A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL NO PERCURSO DE TÉCNICO A ENFERMEIRO

THE PROFESSIONAL SOCIALIZATION IN THE PATH  
FROM TECHNICIAN TO NURSE

LA SOCIALIZACIÓN PROFESIONAL EN LA TRAYECTORIA  
DESDE TÉCNICO DE ENFERMERÍA A ENFERMERO

Antonio Rodrigues Ferreira Junior<sup>1</sup>

Matheus Eduardo Passos Fontenele<sup>2</sup>

Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque<sup>3</sup>

Francisco Meykel Amâncio Gomes<sup>4</sup>

Maria Eunice Nogueira Galeno Rodrigues<sup>5</sup>

**Resumo** A pesquisa analisou o processo de socialização e transformação de técnicos de enfermagem em enfermeiros por meio de um estudo do tipo exploratório descritivo, de abordagem qualitativa, com a participação de 24 técnicos de enfermagem cursando graduação em uma universidade do Ceará, Brasil. Foi realizada de setembro a outubro de 2016, por intermédio de entrevistas semiestruturadas individuais, com análise temática para organização das informações, discutidas segundo os pressupostos da sociologia das profissões. Com base nos resultados, originaram-se três categorias: motivações para ascensão profissional; dessemelhanças entre o trabalho do técnico de enfermagem e o do enfermeiro; e amadurecimento profissional no processo formativo. Percebeu-se o processo de socialização profissional na trajetória formativa de um técnico em enfermeiro, motivada pelo desejo de ascensão profissional. A transição gradativa é importante para a adaptação do técnico de enfermagem a uma nova identidade em construção, o que pode facilitar a migração entre os indivíduos com distintos níveis de complexidade na atuação da enfermagem.

**Palavras-chave** papel profissional; socialização; formação profissional; profissões em saúde; enfermagem.

**Abstract** The research analyzed the process of socialization and transformation of nursing technicians into nurses through a descriptive and exploratory study, with a qualitative approach, conducted with 24 nursing technicians enrolled in an undergraduate course at a university in the state of Ceará, Brazil. The study was conducted between September and October 2016, through individual semi-structured interviews, with a thematic analysis in order to organize the data, which were discussed according to the presuppositions of the sociology of professions. Based on the results, three categories emerged: motivations for career progression; the dissimilarities between the work of the nurse technician and the nurse; and professional growth in the course of their studies. We noticed a process of professional socialization in the educational path of a nurse technician, which was motivated by a desire for career progression. The gradual transition is important so the technician can adapt to a new identity in the making, which can facilitate the migration among individuals with different levels of complexity in the nursing practice.

**Keywords** professional role; socialization; professional training; occupations in health care; nursing.



Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

## Introdução

O ensino da enfermagem como profissão de nível superior existe no Brasil há quase cem anos, inicialmente com a formação de enfermeiras voltada para a saúde pública. Contudo, ao longo do tempo ocorreram diversas e constantes discussões sobre atualização de sua estrutura curricular, aplicação teórico-prática, base científica e normativas legais (Cardili e Sanna, 2015).

A abrangência da práxis do enfermeiro tem crescido, seja no cuidado dispensado, seja na orientação, no *coaching*, ou no sentido organizacional de serviços de saúde. Esse panorama reverbera na responsabilidade das instituições de ensino superior, que devem transpor o desafio de preparar um profissional com competências capazes de melhorar a qualidade do sistema de saúde (Bellaguarda et al., 2013). Tais processos de formação influem na identidade profissional do enfermeiro e remetem a questões frequentemente discutidas, como a valorização da profissão, a construção de um sujeito ativo em sociedade e a integralidade da formação acadêmica (Fernandes e Souza, 2017).

Embora a enfermagem discuta a formação orientada por questões pedagógicas e normativas, que moldam suas ações e formam a assistência dispensada, ainda existem conflitos acerca da hierarquia de poder construída na equipe, entre o enfermeiro, os técnicos e os auxiliares de enfermagem (Peres e Padilha, 2014). Salienta-se que há um processo formativo para cada categoria da enfermagem, que dispõe de um conjunto diferente de atividades teórico-práticas voltadas às ações daquele profissional (Souza e Paula, 2016).

Nesse sentido, a socialização profissional é um processo pelo qual determinada transformação entra em curso, mudando aspectos pertencentes ao trabalho, no que diz respeito a conhecimento, valores, postura, comportamento e atitudes necessárias para os enfermeiros assumirem seu papel de atuação. O resultado profissional é, portanto, um produto reestruturado do processo do qual o indivíduo fez parte (Backes et al., 2014).

À luz da sociologia das profissões, destaca-se a perspectiva que marca a diferenciação profissional de cada classe (Freidson, 1994). Ademais, o enfermeiro e o técnico de enfermagem possuem formação diferenciada, relacionada diretamente a sua prática profissional, estando o primeiro na condição de líder da equipe de enfermagem, uma vez que a posse de conhecimentos científicos é delineada de forma vertical nessa hierarquia.

A esfera de atuação do técnico de enfermagem lhe proporciona capacidade de prestação de cuidados a grupos e indivíduos, porém ele faz parte de uma equipe liderada por um enfermeiro. Tal fato talvez o motive a buscar a formação de nível superior na enfermagem, visando à melhoria de condições (Souza e Paula, 2016). Todavia, essa transformação ainda não está completamente elucidada, embora seja social e profissionalmente importante.

Nesse contexto, atenta-se para o processo de dupla formação na enfermagem: técnica e superior. Cientes da incipienteza de estudos que discutam essa questão no Brasil, os autores da pesquisa que deu origem a este artigo procuraram analisar o processo de socialização e transformação de técnicos de enfermagem em enfermeiros.

### **Desenho do estudo**

O estudo aqui apresentado teve abordagem qualitativa, do tipo exploratório e descritivo, e foi realizado na maior universidade privada do interior do Ceará. Contou com a participação de 24 técnicos de enfermagem, graduandos em enfermagem do primeiro, do sexto e do décimo semestres, levando-se em consideração o início da faculdade, a inserção nas vivências práticas e a finalização da graduação, respectivamente.

Para a seleção dos participantes do estudo foi utilizada a técnica de bola de neve (Vinuto, 2014), útil por propiciar que um participante indique o próximo, utilizando sua rede de contatos dos semelhantes. Optou-se pela amostra intencional de oito participantes em cada semestre escolhido, tendo como critérios de inclusão: técnico de enfermagem com inscrição ativa no conselho da categoria; graduando com matrícula ativa no primeiro, no sexto ou no décimo semestres do curso de enfermagem.

A coleta das informações foi realizada em uma sala disponibilizada pela instituição de ensino, de setembro a outubro de 2016, por meio de entrevista individual semiestruturada, gravada e com duração média de trinta minutos. O roteiro das entrevistas contemplou questionamentos acerca dos motivos para a busca por nova formação, modificações ocorridas na vida do técnico de enfermagem após o ingresso no curso de graduação em enfermagem, diferenças e semelhanças nas práticas profissionais atuais e futuras a partir das novas experiências.

A análise temática das informações foi utilizada como meio para interpretação dos resultados por meio de três etapas: pré-análise – quando são decididas quais as informações a serem exploradas baseadas nos objetivos prévios da pesquisa; exploração do material – o pesquisador busca desvelar, com base no material explorado, os aspectos ou palavras determinantes, estruturando-os em categorias; tratamento dos dados e interpretação – os dados resultantes são organizados e discutidos para expor em destaque as informações obtidas (Minayo, 2014). Os pressupostos teóricos do estudo estão apoiados na sociologia das profissões com o intuito de otimizar a análise dos resultados, de modo a facilitar a discussão acerca do processo de transformação profissional de um técnico de enfermagem em enfermeiro (Freidson, 1994, 2001, 2006).

Utilizou-se um código alfanumérico para apresentar a narrativa dos participantes: S1 para primeiro semestre, S6 para sexto semestre e S10 para déci-

mo semestre, seguindo-se hífen e números arábicos em ordem crescente para cada entrevista (S1-1, S1-2 etc.). O estudo seguiu os preceitos da resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (parecer n. 1.737.197).

### **Caracterização dos participantes do estudo**

A Tabela 1 apresenta as características dos participantes do estudo, com foco em idade, gênero, tempo de atuação profissional e semestre em curso na graduação.

**Tabela 1**

Características dos técnicos de enfermagem entrevistados – Sobral (CE), 2016.

Participante	Idade (anos)	Gênero	Tempo de atuação profissional (anos)	Semestre em curso na graduação
1	24	Feminino	3	Primeiro
2	25	Masculino	5	Primeiro
3	27	Masculino	8	Primeiro
4	29	Feminino	8	Primeiro
5	29	Feminino	10	Primeiro
6	32	Masculino	9	Primeiro
7	32	Masculino	10	Primeiro
8	38	Feminino	16	Primeiro
9	20	Masculino	1	Sexto
10	25	Feminino	4	Sexto
11	26	Feminino	7	Sexto
12	27	Feminino	7	Sexto
13	28	Feminino	6	Sexto
14	28	Feminino	7	Sexto
15	33	Feminino	9	Sexto
16	39	Feminino	14	Sexto
17	23	Masculino	3	Décimo
18	24	Feminino	5	Décimo
19	24	Masculino	5	Décimo
20	25	Masculino	5	Décimo
21	26	Masculino	4	Décimo
22	26	Feminino	8	Décimo
23	27	Masculino	6	Décimo
24	30	Masculino	10	Décimo

Fonte: Os autores – dados da pesquisa.

As informações sobre as características dos participantes (Tabela 1) denotaram que a maioria (21) estava em efetivo exercício do trabalho na data da entrevista, e os outros três encontravam-se desempregados. Quanto ao gênero, a maioria (13) representava o feminino. Em relação ao tempo de trabalho, a maior parte dos participantes (11) desempenhava as funções de técnico de enfermagem entre sete e dez anos.

Com base nas entrevistas dos participantes, foi possível a construção de três categorias que propiciaram a análise das informações: motivações para

ascensão profissional; dessemelhanças entre o trabalho do técnico de enfermagem e o do enfermeiro; amadurecimento profissional no processo formativo.

### **Motivações para ascensão profissional**

O trabalho assistencial do técnico de enfermagem é traçado com a prática básica necessária para a realização dos procedimentos simples em enfermagem. Portanto, o grau de complexidade desse profissional é resultado de uma apropriação prática e mecânica de procedimento específico (Balsanelli e Cunha, 2015).

O conhecimento de determinada ação em enfermagem é uma formulação não pertinente ao trabalho do técnico de enfermagem, portanto, para alguns, essa condição é de fato insuficiente, levando-os a transcender a situação de técnico, como evidenciado nos seguintes depoimentos:

Como exemplo, se foi prescrito um remédio, eu, como técnica, tenho que administrar o medicamento. Eu, como enfermeiro, devo saber a função do medicamento e suas características farmacológicas. Saber os mecanismos de ação é uma curiosidade que eu tinha. E eu, como técnica, não sabia disso. Então uma das motivações para ingressar em curso de nível superior é essa: saber o porquê eu fazia mecanicamente aquelas coisas (S6-2).

Na graduação a gente percebe que o conhecimento técnico tem uma clara limitação, pois na graduação você se embasa melhor na anatomia, teorias, e vê uma visão mais ampla do cuidado. Tem técnicas que não cabem a nós técnicos (S6-4).

Existem motivações bem delimitadas para a busca de ascensão profissional, entre elas o desejo de reconhecimento, de autorrealização e de maior prestígio social (Monteiro et al., 2014). A conceituação de impotência perante determinadas situações é outro motivo frequente quando se indaga sobre as motivações para a busca pela graduação.

Em relação à ascensão profissional, destacaram-se os seguintes discursos:

O trabalho do técnico é limitado, todo mundo da enfermagem sabe. Mas desde que eu comecei os estudos eu admiro essa área. Comecei como técnico porque era o mais acessível para mim na época. Hoje estou em uma graduação e já me sinto diferente. Sinto-me mais seguro e competente (S6-2).

Quando comecei o curso de graduação, vim mais por melhores condições de vida, tanto no financeiro quanto no pessoal. O técnico faz demais e é reconhecido de menos. A melhoria de vida foi um dos meus principais motivadores. Estudar nun-

ca é demais, mas se você tiver muito estudo e for apenas técnico, seu serviço é limitado (S6-3).

As habilidades e práticas profissionais são desenvolvidas de forma distinta nos indivíduos, conforme suas experiências e interações (Ewertsson et al., 2017). Nessa perspectiva, o desejo de ascensão profissional abarca principalmente motivações oriundas de desejos pessoais, incluindo a melhoria financeira e, consequentemente, maior facilidade de vida.

Salienta-se que a profissionalização pode ser vista como um processo de busca de prestígio social em determinada profissão, com ampliação do reconhecimento e do *status* profissional dos indivíduos considerados integrantes de cada grupo ocupacional (Freidson, 2001).

Além das ideias pessoais, outro resultado bastante marcante foi o desejo e aspiração de prestígio social de acordo com a importância da profissão. O fenômeno de migração profissional, de socialização e entendimento de ideais é bem exemplificado no seguinte relato:

Quando eu terminei o técnico, eu não estava satisfeito com minha posição. Eu tinha que fazer serviços assistenciais, mas não podia tomar decisões por conta própria, nem solucionar problemas mais básicos do paciente sem ter a aprovação e supervisão do enfermeiro. Então eu prestei vestibular para algo que já me era semelhante, eu já estava acostumado com o serviço, então seria mais fácil (S6-1).

Estima-se que, na perspectiva sociológica, a emancipação profissional seja pautada tanto por desejos práticos e objetivos, como melhoria de remuneração, quanto por motivos subjetivos e pessoais, como o reconhecimento social, que denota notoriedade como alguém de poder, capacidade, inteligência ou alguma outra atribuição cabível à própria individualidade (Monteiro et al., 2014).

A ideia de identidade profissional é construção histórica sociológica. O contexto no qual são definidas as aspirações para mudanças e emancipações profissionais é ligado ao espaço social e cultural no qual o indivíduo está inserido (Dubar, 2012; Souza e Paula, 2016). Além desse espaço, percebe-se que a história pessoal socialmente construída do indivíduo é impulsionadora da sua trajetória de mudança. A chave para o entendimento do processo está na articulação entre o eixo do espaço cultural e o social, aliado a sua história pessoal socialmente montada (Marañón e Pera, 2015).

Essa ideia é exemplificada e confirmada no seguinte depoimento:

Trabalho há quinze anos como técnico de enfermagem e estou na metade do bachelado. Nós, que estamos saindo da categoria de técnico para enfermeiro, estamos com uma visão mais nova. Nesses quinze anos que trabalho vi muitas coisas que, se eu fosse enfermeiro, faria diferente. Isso motiva a gente, sabe? A melhorar

nossa área. O crescimento vai além de só o financeiro. Nós percebemos que nossos colegas já nos enxergam diferente por estar cursando uma faculdade. Isso é gratificante. Nem todos enxergam essa nossa mudança, acha que estamos somente nos vangloriando. Mas essa transformação – se é que posso chamar assim – vai além do profissional e atinge a gente no pessoal (S6-5).

Em relação às motivações inerentes ao técnico de enfermagem ingressante em curso superior, é necessário entender que o processo de crescimento profissional em outra profissão se caracteriza pela mudança da visão profissional de uma classe e culmina na apropriação profissional de outra classe (Meira e Kurciant, 2016).

### **Dessemelhanças entre o trabalho do técnico de enfermagem e o do enfermeiro**

Acerca da dessemelhança entre as categorias da enfermagem, houve divergência nos discursos dos participantes dos semestres distintos, com respostas mais abrangentes conforme o tempo do técnico na graduação.

O técnico é como próprio o nome já diz, mais técnico, mais braçal. O do enfermeiro é aquele trabalho burocrático, porque eu só enxergo o enfermeiro no setor visto-riando e lidando com papelada. Raramente o enfermeiro presta assistência (S1-2).

A faculdade abriu a minha cabeça para enxergar nossa profissão com outros olhos, e eu vi que tinha muita coisa que eu fazia errado, mas achava que estava certo. Achava que estava ajudando e estava na verdade atrapalhando. A gente vai ver qual o nosso lugar, quais os erros cometidos por nós mesmos... (S6-6).

A principal diferenciação do técnico para o enfermeiro que eu vejo hoje ao final de minha graduação é que somos responsáveis por nós e por eles (...). O conhecimento que eu devo saber deve reger o meu trabalho e o deles, para que tudo funcione de forma correta. Isso eu, como técnica, não percebia, pois achava que era por escolha que o enfermeiro não prestava tanta assistência, eu achava que era proposital. Hoje eu vejo isso, que além do conhecimento científico, que cresceu, a responsabilidade profissional aumentou ainda mais (S10-1).

O exposto díspar pelos entrevistados reflete a diferenciação do processo de socialização experimentado pelos participantes. Percebeu-se nas falas uma transformação em curso durante a graduação em enfermagem.

Pôde-se observar que o técnico no semestre inicial reconhecia de forma rasa a heterogeneidade do trabalho do enfermeiro; o semestre medial visualizava o trabalho do enfermeiro de forma complexa, porém ainda de uma perspec-

tiva individual; e o semestre final era infundido da característica prudente, assistencial e gestora do trabalho do enfermeiro.

A aquisição de um novo papel social e profissional insere, inicialmente, o indivíduo em um grupo geralmente divergente em relação ao qual ele está acostumado (Freidson, 1994). No que diz respeito aos técnicos de enfermagem, após frequentar esse ambiente diferenciado da graduação, sua visão parece ser moldada, transformada e reconstruída para que a ideia anterior de mundo se extinga e, a partir desse processo, construa-se uma nova.

As modificações que definem uma profissão exigem uma base teórica bem delimitada, normas de conduta profissionais aceitas pelos pares, a valorização da *expertise* e a dificuldade de inserção de novos membros no grupo (Freidson, 2006). O processo de socialização cria uma organização na qual os envolvidos apreendem, no decorrer de seu treinamento, habilidades, valores, conhecimentos e postura profissionais necessários à transmutação de classe, identificando assim seu novo papel (Ximenes Neto et al., 2016). Tal mudança corrobora a visão da sociologia das profissões, que conceitua uma profissão como especialização criteriosa e fundamentada teoricamente, com o processo de formação normatizado institucionalmente (Freidson, 2006). Nesse sentido, o enfermeiro é socialmente distinto do técnico de enfermagem por processos que começam na sua capacitação e permeiam sua vida e prática profissional. Além disso, a jurisdição diferente, determinada pela divisão do trabalho, influencia o processo (Freidson, 2001).

Quando indagados sobre a possibilidade de permutação de atividades profissionais, os técnicos de enfermagem dos semestres iniciais referiram uma possibilidade de substituição do trabalho do enfermeiro por seus serviços, como explicitado nos seguintes relatos:

Como o enfermeiro é graduado, estudou cinco anos para estar lá, ele trabalha mais distante, e eu acho que eles desvalorizam a parte dos técnicos de enfermagem. Sobra para a gente realizar o trabalho do enfermeiro, tanto em procedimentos quanto em orientações, essas coisas (...). A gente acaba por fazer, e sempre dá certo (S1-6).

O desejo pela área da saúde cega a gente às vezes. Queremos ser ativos e mostrar nosso serviço. Às vezes, em aprazamentos e procedimentos mais complexos, eu me colocava para fazer e, na minha cabeça, fazia melhor que alguns enfermeiros. Não deveria, mas também não queria correr o risco de ser uma má profissional (...). Enquanto o enfermeiro estava perdido no meio de papéis, eu estava fazendo o trabalho dele (S6-4).

O processo assistencial do técnico de enfermagem de cuidar é sistematicamente diferenciado do enfermeiro, justamente pela perspectiva científica da profissão de nível superior. Camargo e colaboradores (2015) salientam que

ser competente é fazer bem o que se deve, refutando a ideia de senso comum das opiniões supracitadas, que visavam à qualidade da assistência pela abrangência e complexidade dos procedimentos realizados.

A enfermagem, juntamente com as demais profissões, dispõe de treinamento específico para todos os profissionais que a compõem. Portanto, o profissional resultante de cada categoria profissional é um produto direto do processo de socialização que se fez presente durante seu treinamento. A experiência educacional de cada componente da enfermagem é distinta, sendo o seu grau dividido pela competência de cada hierarquia e complexidade (Ewertsson, Bagga-Gupta e Blomberg, 2017).

Em contraponto ao exposto nos relatos anteriores, a visão profissional dos acadêmicos concluintes é oportunamente discordante, mostrando que a práxis científica, profissional e acadêmica acaba se tornando influenciadora do processo assistencial e da identidade profissional do enfermeiro:

Eu, como técnico, me prendia a pequenas coisas, sabe? Prendia-me a pensar que o enfermeiro levava o crédito por uma assistência que ele não participava. Eu acreditava que o técnico fazia o seu trabalho – como eu mesmo já fiz coisas cabíveis só ao enfermeiro, como procedimentos, preenchimento de documentos etc. – e o trabalho do enfermeiro e não era reconhecido de forma alguma por isso. Claro, hoje, no final do curso, eu vejo de forma diferente. Também pudera, certo? Eu sei que o trabalho vai muito além do que o técnico consegue perceber, e o ruim é que eles, nós, não percebíamos isso (S10-5).

A enfermagem é conceituada como profissão que sofre processo de rejuvenescimento, portanto, a visão transformada do técnico de enfermagem graduando em enfermeiro contribui para a afirmação do domínio científico para uma profissão de nível superior (Machado et al., 2016).

O processo de socialização resultante do ingresso em nível superior é decorrente de uma série de mudanças intrinsecamente ligadas ao histórico do estudante em si. Os resultados obtidos, porém, demonstram que essa construção acontece de forma similar em grupos singulares durante a graduação (Ximenes Neto et al., 2016). Por conseguinte, o técnico de enfermagem que ingressa em nível superior passa por um processo de socialização diferente do que anteriormente foi vivenciado em seu curso técnico, estando sujeito a uma readequação de sua visão ocupacional, seu *modus operandi* e sua auto-percepção (Ribeiro et al., 2014).

O descompasso percebido entre a instrução acadêmica e a profissional em enfermagem é entendido por um viés de confirmação dos técnicos de enfermagem, sobretudo os do primeiro período. Sua visão é moldada em face de suas percepções, e suas motivações fomentam suas opiniões pessoais sobre as questões indagadas (Araújo e Pilati, 2014).

Já colhi gasometria arterial e sei que colho melhor que o enfermeiro (...). Ele pede para eu fazer isso. Acho que ele não domina a técnica tão bem (...) não tive a base do curso para isso, e sei que é privativo deles [enfermeiros], mas às vezes o serviço precisa fluir (S1-5).

Já fiz sondagem vesical de demora, embora saiba que não devia. Hoje em dia não realizo mais, porque consigo ver até onde tenho que ir como técnico. Mas vários procedimentos, antes, eu fazia sem nenhum problema. Ajudava um pouco. Sabia que era errado, mas era a realidade em que eu me encontrava (S6-6).

A não conformidade evidenciada pela fala dos entrevistados sugere forte desapego pelas rotinas e estruturas burocráticas atreladas ao serviço de enfermagem. Essa apropriação do trabalho de outra classe profissional é gravemente danosa, já que estipula ações que devem ter embasamento teórico-científico a profissionais sem essa formação (Góes et al., 2015).

O trabalho do técnico de enfermagem é conceituado como auxiliar e deve ser supervisionado pelo enfermeiro. Diante disso, percebe-se o desrespeito à Lei do Exercício Profissional da Enfermagem, que subdivide as categorias por sua complexidade na assistência dispensada (Monteiro et al., 2014).

Ressalta-se que as atribuições de uma profissão são construídas socialmente conforme as discussões dos grupos pertencentes ao meio. As modificações são potencializadas em ambientes que exigem a diferenciação entre os ditos iguais, construindo dificuldades internas para a diferenciação profissional (Freidson, 2006).

### **Amadurecimento profissional no processo formativo**

Certos padrões emergem quando são analisadas as informações obtidas. O grupo do semestre inicial mostrou-se atribuído com a visão própria dos técnicos de enfermagem, fazendo uso de suas opiniões com identidade profissional única de sua classe:

Eu vejo muito o enfermeiro com a burocracia, e quase nunca na assistência. O técnico é que faz todo o trabalho (S1-3).

Eu acredito que existe a divisão, mas não se dividiu corretamente, porque o técnico sempre faz um trabalho maior, enquanto o enfermeiro fica na questão da papelada (S1-5).

A informação coletada dos técnicos de enfermagem do primeiro semestre está relacionada à não familiaridade com as características do enfermeiro construídas academicamente. Em contrapartida, observa-se o amadurecimento

profissional quando, mesmo ainda pertencendo a uma classe profissional, os técnicos de enfermagem já se enxergam como pertencentes à outra, subjetivando os interesses conflitantes de sua profissão atual com a de seu futuro.

Eu acho o enfermeiro cheio de afazeres. O ambiente hospitalar é muito complexo. (...) Eu, como técnico, não posso só julgar o trabalho dele, eu devo entender. O domínio científico é do enfermeiro, então ele deve coordenar. Essa visão que eu tenho cresceu por eu ser técnico (S6-4).

O trabalho do enfermeiro se diferencia muito no tempo de assistência. Os técnicos ficam mais próximos. (...) Mas isso é mais pelo perfil de atribuições de cada profissional. Cada um faz coisas necessárias, mas diferentes (S6-6).

A divisão específica do trabalho em enfermagem é feita por bases hierárquicas e organizada verticalmente. O sistema de ensino em enfermagem reforça essas atribuições na busca de melhor preparação do profissional para o campo prático (Amestoy et al., 2014).

A noção de crescimento impulsiona uma nova caracterização profissional, que se torna característica extrínseca do entrevistado (Chrizostimo e Brandão, 2015). Ao analisar os resultados obtidos, torna-se evidente que ocorre um processo de transformação no decorrer do tempo da graduação em enfermagem.

A construção presente do profissional é, em parte, decorrente do sistema educacional, em que o ritmo, o modo e a caracterização decorrem em conformidade com a aquisição de conhecimentos inerentes à sua nova identidade profissional (Ramvi, 2015). Geralmente, os concluintes conseguem diferenciar das outras classes profissionais as atribuições dos enfermeiros (Oliveira, Lima e Baluta, 2016).

Os resultados da pesquisa aqui apresentada mostraram que existe uma identidade cultural e profissional em processo de remodelamento durante os anos de graduação, uma vez que os técnicos de enfermagem, já profissionais da área, têm de se readaptar para conseguir exercer sua função como enfermeiros.

A faculdade abre mais a cabeça da pessoa. E ela cobra isso na prática profissional. É totalmente diferente do que eu imaginava, pois não sabia que o enfermeiro tinha que saber de tanta coisa, eu achava que ele era igual a nós técnicos, mas que só mexia em papel (S6-2).

Percebemos os limites profissionais (...) vemos que, por mais que achamos que sabemos de algo, devemos pensar três vezes, porque duas vezes não são o bastante. Os técnicos geralmente sempre fazem. Nós, futuros enfermeiros, pensamos o que existe por trás do simples fazer (S10-6).

A graduação em enfermagem possibilita a reflexão sobre a configuração atual dos serviços de saúde, tanto no âmbito dos recursos humanos quanto no da capacitação científico-profissional e também no seu impacto social (Fernandes e Souza, 2017). Os dados analisados mostraram relevante diferenciação das distintas etapas da formação superior. Portanto, verificou-se a explicitação de uma identidade cultural própria, que sofre transição e se relaciona com as questões mais básicas da sociologia das profissões, entre elas a busca por aceitação e a criação de identidade profissional (Freidson, 1994, 2001).

### **Considerações finais**

Há um processo de modificação profissional durante a graduação na transformação do técnico de enfermagem em enfermeiro. Ele fica evidente ao verificarmos os discursos dos graduandos do semestre inicial que especificam suas percepções individuais com base exclusivamente em suas vivências. Paulatinamente, as questões técnico-científicas ganham vultosa importância, culminando nos semestres finais com uma visão mais abrangente e aprofundada acerca do arcabouço da profissão.

A socialização profissional potencializa o entendimento das motivações decorrentes do desejo de ascensão profissional na enfermagem, que envolvem tanto causas objetivas, como o anseio por melhor remuneração, quanto motivações subjetivas, como a aspiração por uma posição social mais reconhecida. Apresentaram-se como limitações do estudo as especificidades do cenário escolhido para a análise. No entanto, salienta-se que as informações colhidas puderam nortear reflexões acerca dos processos formativos na enfermagem, especialmente no que concerne ao percurso das mudanças profissionais por que um técnico de enfermagem passa na busca por se tornar enfermeiro.

Destarte, com base nas informações analisadas à luz da sociologia das profissões, percebe-se que ainda existem caminhos a serem trilhados e pesquisas a serem estimuladas, para que a evolução profissional da enfermagem se torne cada vez mais bem discutida.

## Colaboradores

Antonio Rodrigues Ferreira Júnior, Matheus Eduardo Passos Fontenele e Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque participaram de todas as etapas de elaboração do manuscrito. Francisco Meykel Amâncio Gomes participou da construção da proposta do trabalho e desenvolvimento da discussão. Maria Eunice Nogueira Galeno Rodrigues contribuiu na introdução, discussão e estruturação final do trabalho.

**Resumen** La investigación analizó el proceso de socialización y transformación de técnicos de enfermería en enfermeros por medio de un estudio de tipo exploratorio descriptivo, de abordaje cualitativo, con la participación de 24 técnicos de enfermería cursando la licenciatura en una universidad del Estado de Ceará, Brasil. Se realizó entre setiembre y octubre del 2016, por intermedio de entrevistas semiestructuradas individuales, con un análisis temático para la organización de la información y discusiones de acuerdo con los postulados de la sociología de las profesiones. Con base en los resultados, se derivaron tres categorías: motivaciones para ascenso profesional; divergencias entre el trabajo del técnico de enfermería y el de enfermero; y maduración profesional en el proceso de formación. Se observó el proceso de socialización profesional durante la trayectoria de formación de un técnico en enfermero, motivado por el deseo de ascenso profesional. La transición gradual es importante para la adaptación del técnico de enfermería a la una nueva identidad en construcción, lo que puede facilitar la migración entre los individuos con distintos niveles de complejidad en la práctica de enfermería.

**Palabras clave** papel profesional; socialización; formación profesional; profesiones en salud; enfermería.

## Notas

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Fortaleza, Ceará, Brasil.

<[aodrigues.junior@uece.br](mailto:aodrigues.junior@uece.br)>

Correspondência: Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Avenida Dr. Silas Munguba, 1.700, Itaperi, CEP 60714-903, Fortaleza, Ceará, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário Instituto Superior de Teologia Aplicada (Uninta), Sobral, Ceará, Brasil.

<[fontenelematheus@hotmail.com](mailto:fontenelematheus@hotmail.com)>

<sup>3</sup> Centro Universitário Instituto Superior de Teologia Aplicada (Uninta), Sobral, Ceará, Brasil.

<[rosaliceas@hotmail.com](mailto:rosaliceas@hotmail.com)>

<sup>4</sup> Centro Universitário Instituto Superior de Teologia Aplicada (Uninta), Sobral, Ceará, Brasil.

<[meykelgomes@yahoo.com.br](mailto:meykelgomes@yahoo.com.br)>

<sup>5</sup> Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

<[eunicegaleno@hotmail.com](mailto:eunicegaleno@hotmail.com)>

## Referências

- AMESTOY, Simone C. et al. Desafios vivenciados no exercício da liderança por enfermeiros: perspectivas como técnicos de enfermagem. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 495-502, 2014.
- ARAÚJO, Maria E. B. O.; PILATI, Ronaldo. Viés de confirmação em entrevista de seleção: evidências em estudantes universitários. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2014.
- BACKES, Vânia M. S. et al. Características de formação e trabalho de professores de nível médio em enfermagem. *Revista Rene*, Fortaleza, v. 15, n. 6, p. 957-963, 2014.
- BALSANELLI, Alexandre P.; CUNHA, Isabel C. K. O. Nursing leadership in intensive care units and its relationship to the work environment. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 106-113, 2015.
- BELLAGUARDA, Maria L. R. et al. Reflexão sobre a legitimidade da autonomia da enfermagem no campo das profissões de saúde à luz das ideias de Eliot Freidson. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 369-374, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466/12. Dispõe sobre pesquisas com seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 8 out. 2017.
- CAMARGO, Rosangela A. A. et al. Avaliação da formação do técnico de enfermagem por enfermeiros da prática hospitalar. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 19, n. 4, p. 951-964, 2015.
- CARDILLI, Carolina V. C.; SANNA, Maria C. Acontecimentos que antecederam a federalização da Escola Paulista de Enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 24-32, 2015.
- CHRIZOSTIMO, Miriam M.; BRANDÃO, André A. P. A formação profissional do enfermeiro: 'estado da arte'. *Enfermería Global*, Murcia, n. 40, p. 430-445, 2015.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.
- EWERTSSON, Mona; BAGGA-GUPTA, Sangita; BLOMBERG, Karin. Nursing students' socialization into practical skills. *Nursing Education in Practice*, Manchester, v. 27, p. 157-164, 2017.
- EWERTSSON, Mona et al. Tensions in learning professional identities: nursing students' narratives and participation in practical skills during their clinical practice: an ethnographic study. *BMC Nursing*, London, v. 16, n. 48, p. 1-8, 2017.
- FERNANDES, Carla N. S.; SOUZA, Maria C. B. M. Docência no ensino superior em enfermagem e constituição identitária: ingresso, trajetória e permanência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. e64495, 2017.
- FREIDSON, Eliot. *Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FREIDSON, Eliot. *Professionalism: the third logic*. Cambridge: Polity Press, 2001.
- FREIDSON, Eliot. *Professional dominance: the social structure of medical care*. New York: Routledge, 2006.
- GÓES, Fernanda S. N. et al. Necessidades de aprendizagem de alunos da educação profissional de nível técnico em enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 68, n. 1, p. 20-25, 2015.
- MACHADO, Maria H. et al. Aspectos gerais da formação da enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros técnicos e auxiliares.

- res. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 7, p. 15-27, 2016.
- MARAÑÓN, Antonia A.; PERA, Maria P. I. Theory and practice in the construction of professional identity in nursing students: a qualitative study. *Nurse Education Today*, Cambridge, v. 35, n. 7, p. 1-5, 2015.
- MEIRA, Maria D. D.; KURCGANT, Paulina. Educação em enfermagem: avaliação da formação por egressos, empregadores e docentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 1, p. 16-22, 2016.
- MINAYO, Maria C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MONTEIRO, Roibison P. et al. O processo de transição profissional na perspectiva de técnicos de enfermagem que se tornaram enfermeiros. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 777-786, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/24129>>. Acesso em: 29 set. 2017.
- OLIVEIRA, Maria C. M.; LIMA, Tatiana L.; BALUTA, Victor H. A formação do profissional enfermeiro, no contexto das reformas de ensino no Brasil. *Revista Grifos*, Chapecó, v. 23, n. 36/37, p. 161-186, 2016.
- PERES, Maria A. A.; PADILHA, Maria I. C. S. Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermeira no Brasil (1923-1931). *Escola*
- Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 112-121, 2014.
- RAMVI, Ellen. I am only a nurse: a biographical narrative study of a nurse's self-understanding and its implication for practice. *BMC Nursing*, London, v. 14, n. 23, p. 1-9, 2015.
- RIBEIRO, Grace K. N. A. al. Profissionais de enfermagem habilitados para o mercado de trabalho em Minas Gerais. *Revista Mineira de Enfermagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 15-26, 2014.
- SOUZA, Gláucio J.; PAULA, Maria A. B. Construção da identidade do enfermeiro: revisão integrativa da literatura. *Revista Rede de Cuidados em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2016.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.
- XIMENES NETO, Francisco R. G. et al. Necesidades de qualificação, dificuldades e facilidades dos técnicos de enfermagem na Estratégia Saúde da Família. *Sanare: Revista de Políticas Públicas*, Sobral, v. 15, n. 1, p. 47-54, 2016.

---

Recebido em 06/11/2017.

Aprovado em 01/02/2018.